

# Burning Man: arte, política e economia em uma matriz das relações corporativas e cibernéticas contemporâneas

*Burning Man: art, politics and economics in a matrix of contemporary corporate and cybernetic relations*

*Burning Man: arte, política y economía en una matriz de relaciones corporativas y cibernéticas contemporâneas*

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i1.38136>

 **Arnon Manhães Ceolin**

Mestre em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. E-mail: [arnon.manhaes@hotmail.com](mailto:arnon.manhaes@hotmail.com)

## RESUMO

O presente artigo aborda o festival Burning Man, fundado em 1986 e sediado anualmente no deserto Black Rock (EUA), como um laboratório social e tecnológico a céu aberto, onde são elaboradas muitas das orientações ideológicas e técnicas reproduzidas pelo mundo corporativo e cibernético contemporâneo. Parte-se de uma revisão da literatura acerca da gênese histórica do festival e de seus princípios norteadores para se compreender, por meio de uma abordagem ensaística, a incorporação do Burning Man pelos gestores do Vale do Silício, com destaque para a influência que o festival exerce sobre a plataforma Google e suas formas particulares de organização do trabalho e de tecnologia cibernética. A partir dessa relação específica, chega-se a um entendimento do Burning Man como uma “infraestrutura cultural” de larga escala, correlacionada às injuntivas contemporâneas que invadem o mundo do trabalho e das redes.

**Palavras-chave:** Burning Man; Zona Temporária Autônoma; economia da dádiva; Google.

## ABSTRACT

This article discusses the Burning Man festival, founded in 1986 and held annually in the Black Rock desert (USA), as an open-air social and technological laboratory, where many of the ideological and technical guidelines reproduced by the contemporary corporate and cyber world are elaborated. It presents a literature review about the historical genesis of the festival and its guiding principles to understand, through an essayistic approach, the incorporation of Burning Man by

Silicon Valley managers, with emphasis on the influence that the festival have on Google and its particular forms of work organization and cybernetic technology. From this specific relationship, we reach an understanding of Burning Man as a large-scale “cultural infrastructure”, correlated with the contemporary injunctions that invade the world of labor and networks.

**Keywords:** Burning Man; Temporary Autonomous Zone; gift economy; Google.

## RESUMEN

Este artículo aborda el festival Burning Man, fundado en 1986 y celebrado anualmente en el desierto de Black Rock (EE.UU.), como un laboratorio social y tecnológico al aire libre, donde se elaboran muchos de los lineamientos ideológicos y técnicos reproducidos por el mundo corporativo y cibernético contemporáneo. Se parte de una revisión bibliográfica sobre la génesis histórica del festival y sus principios rectores para comprender, a través de un enfoque ensayístico, la incorporación de Burning Man por parte de los directivos de Valle del Silicio, con énfasis en la influencia que el festival ejerce sobre Google y sus particulares formas de organización del trabajo y la tecnología cibernética. A partir de esta relación específica, llegamos a entender el Burning Man como una “infraestructura cultural” a gran escala, correlativa a los mandatos contemporâneos que invaden el mundo del trabajo y las redes.

**Palabras-clave:** Burning Man; Zona Temporalmente Autônoma; economía del don; Google.



## **Introdução: a origem do Burning Man como Zona Temporária Autônoma<sup>1</sup>**

No solstício de verão do ano de 1986, dois amigos chamados Larry Harvey e Jerry James decidiram por construírem uma efígie de madeira a ser queimada na praia de Baker Beach, na cidade californiana de São Francisco. O evento, que não tinha um planejamento prévio, atraiu a curiosidade de cerca de 30 transeuntes que se aproximaram do rito chamativo e se aproveitaram dele como uma festividade oportuna para a exposição de *performances* artísticas, danças e cantorias no entorno da efígie em chamas. Desse encontro espontâneo e sem grandes estimativas surgiu o festival Burning Man. Em 1987, uma nova efígie de madeira foi construída e queimada diante agora de 90 pessoas. Em 1988, eram 200 os espectadores. Em 1989, 300<sup>2</sup>. Nessa altura, o evento já havia chamado a atenção da polícia de São Francisco, ao mesmo tempo em que se integrava a movimentos artísticos e políticos influentes na zona de São Francisco, como a Cacophony Society, um grupo de artistas e ativistas dedicados a encenações e *performances* ao estilo dadaísta, e os discípulos anarquistas da Zona Temporária Autônoma (ZTA) de Hakim Bey.

O conceito de Zona Temporária Autônoma, divulgado por Bey em 1985, trazia como pressuposto o velho dilema encarado pelos movimentos contraculturais californianos diante dos reflexos das contestações de 1968. Os sonhos anarquistas, do fim do Estado, da comuna, da cultura livre e da sociedade livre entraram em crise diante da impossibilidade da dissolução do Estado, que sempre retorna disposto a esmagá-los com sua força bélica e policial. Assim, concluiu Bey, “absolutamente nada além de um martírio inútil poderia resultar de um confronto direto com o Estado terminal, este Estado megacorporativo informacional, o império do Espetáculo e da Simulação. Seus revólveres estão apontados para nós” (Bey, 2003:98, tradução nossa). Diante do impasse da utopia perene e permanente, capaz de superar o Estado de forma definitiva, Bey conclama as organizações de aspirações anárquicas a adotarem a tática da Zona Autônoma Temporária, uma espécie de “operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e em outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la” (Bey, 2003:99, tradução nossa). Parte da inspiração de Bey para o conceito vem das experiências das sociedades piratas do século XVIII, as quais, ainda que dispostas de tecnologias rudimentares e atravessadas por práticas cruéis e violentas, deixaram exemplos de cooperação, autonomia e articulação avessos aos principados e seus galeões. A “utopia pirata” não vingava no território do inimigo, mas em comunidades sorrateiras, nas ilhas e esconderijos remotos e alternados onde era possível armazenar riquezas e mantimentos e festejar a pilhagem bem-

---

<sup>1</sup> O presente artigo apresenta resultados da dissertação “Terra arrasada, utopias digitais: história e ideologia no Vale do Silício” (Ceolin, 2021), realizada no Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPS/UFES). A pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Burning Man Timeline. Disponível em <https://burningman.org/timeline/>. Acesso em 20-04-2022.

sucedida, espaços que Bey define como “‘comunidades intencionais’, minissociedades que viviam conscientemente fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma vida curta, mas alegre” (Bey, 2003:95, tradução nossa).

Assim como os piratas, os organizadores e entusiastas do Burning Man tornaram-se contraventores, no sentido literal do termo, em 1990, quando foram barrados em Baker Beach pela polícia de São Francisco. A solução encontrada foi deslocar o festival, ainda naquele ano, para um esconderijo remoto, num “além” da vigilância policial, no deserto de Black Rock, no estado de Nevada, cerca de 570 km ao nordeste de São Francisco. Daí em diante, a infraestrutura ideológica e técnica do festival passou a corresponder a quatro pontos fundamentais da teoria de Bey. O primeiro deles é a concepção da ZTA como uma tática de desaparecimento, isto é, como uma lógica de organização social que extrapola as malhas do Estado em um sentido temporário e evasivo, e não combativo. Novamente, para Bey, e agora para o Burning Man também, enfrentar o poder estatal recai em um esforço sem sentido, cujo único resultado se apresenta na forma de “perigosos e terríveis espasmos de violência por parte dos cretinos cheios de merda na cabeça que herdaram as chaves de todos os arsenais e prisões” (Bey, 2003:126, tradução nossa). Por isso, a culminância anárquica deve encontrar no desaparecimento uma “opção radical bastante lógica para o nosso tempo, de forma alguma um desastre ou uma declaração de morte do projeto radical” (Bey, 2003:126, tradução nossa). O desaparecimento também implica numa relação fluida tanto em termos temporais, já que a ZTA emerge na temporalidade restrita de um acontecimento sazonal, como um feriado, férias ou acampamento de verão, quanto em termos espaciais, expressa em um espaço físico indeterminado, mas necessariamente oculto e desaparecido diante da lente estatal. Não por acaso, ainda em 1985, Bey já visualizava os projetos da Internet como instrumentos potentes de realização da Zona Temporária Autônoma, seja enquanto meio estratégico de comunicação entre membros de uma mesma Zona ou entre Zonas distintas e aliadas, seja enquanto um território propriamente configurado enquanto Zona Autônoma Temporária, existente “tanto no espaço da informação quanto no ‘mundo real’” (Bey, 2003:107, tradução nossa).

O segundo ponto de infusão da ZTA na estruturação do Burning Man passa pela referência feita por Bey a um eminente capitão pirata do século XVIII, o capitão Samuel Bellamy, o qual, ao imobilizar um navio mercante e tomar seu capitão como refém, virou-se para ele e disse: “Não é melhor tornar-se então um de nós, em vez de rastejar atrás desses vilões por emprego?” (Bellamy, 1990: s/p)<sup>3</sup>. Desde o momento em que aportou no deserto de Black Rock, todas as edições do Burning Man passaram a ocorrer ao longo da semana do feriado de 6 de setembro, o chamado

---

<sup>3</sup> Dois séculos depois, a provocação de Bellamy foi atualizada por ninguém mais ninguém menos do que Steve Jobs, então gestor da emergente Apple, com seus seguintes lemas inspiradores para o empreendedorismo *high tech*: “Bons artistas copiam. Grandes artistas roubam” e “É mais divertido ser um pirata do que entrar para a marinha”. A adesão dos valores piratas por Jobs e, por conseguinte, pelo desenvolvimento tecnológico da Apple, é retratada de forma lúdica no filme *Pirates of Silicon Valley*, de 1999.

*Labor Day* (Dia do Trabalho) em nome do qual a efígie humana de madeira passou a ser queimada, reconhecidamente como um ritual de expurgo e liberação.

O terceiro ponto de interseção também remete à caracterização pirata da ZTA, em especial ao fato de que seus entrepostos e esconderijos foram caracterizados por Bey como “‘utopias’ criadas quase que *ex nihilo in terra incógnita* [a partir do nada em uma terra desconhecida], enclaves da total liberdade ocupando espaços vazios do mapa” (Bey, 2003:117, tradução nossa). Em suma, o Burning Man emergiu no deserto de Black Rock, ao que o fundador Larry Harvey se referiu como “o coração vago do Oeste selvagem” (Harvey, 2013, tradução nossa), como se ali tivéssemos retornado a uma espécie de grau zero da civilização. Em outra ocasião, Harvey conceituou a *playa*<sup>4</sup> de Black Rock como uma enorme tela em branco (Harvey *apud* Balamir, 2011:11), como uma fronteira ainda não colonizada pela política estatal e, por isso mesmo, ideal para a realização autônoma do festival à luz da ZTA. Em seu princípio, o Burning Man em Black Rock se afigurou como uma experiência de liberação cultural, moral e libidinal, uma espécie de êxtase coletivo mediado pela regressão a um estado social ao mesmo tempo primitivo e sublime, como descreve a própria Building Burning Man Newsletter de 1996, o panfleto informativo produzido pela organização do festival:

Vivemos em um mundo pós-moderno. Tudo o que já aconteceu está acontecendo agora, mas nada é terrivelmente atraente. Por um lado, você tem imensa liberdade; por outro lado, você tem essa anomia intensa. Aqui, recorremos a um tipo de psicologia primária, a um nível de experiência que está no cerne de todo ritual primordial, pré-verbal, pré-histórico. A gênese desse sentimento está em pé ao redor de uma fogueira de acampamento. Você tem que voltar tão longe para encontrar algo que vai unir as pessoas (Burning Man, 1996, s/p, tradução nossa).

Para Harvey, um dos principais atrativos do festival em uma zona inóspita seriam as exposições de esculturas e *performances* artísticas, muitas delas dotadas de recursos tecnológicos avançados. Dispostas no espaço do deserto, as artes tecnofílicas do Burning Man constroem uma exposição a céu aberto enquanto simulam um retorno ao primitivo em condições que mobilizariam “encontros com o sagrado” e inspirariam “certas emoções potentes”, como “o temor, o medo, o deleite, um senso excêntrico e, acima de tudo, uma forma peculiar de transcendência” (Harvey *apud* Burning Man, 1995, tradução nossa), tudo isso culminando no “ritual de sacrifício” do último dia, quando a efígie de madeira é queimada durante a cerimônia catártica de encerramento. Em um dos espetáculos promovidos pelo Burning Man, intitulado *Mysteria* e apresentado no ano de 1997, propôs-se uma analogia entre as práticas do festival e os cultos milenares das civilizações greco-romanas, interligados pelos conceitos antigos de “fogo, sacrifício, peregrinação, espetáculo visionário, igualitarismo, folia, recrutamento de uma população urbana, experiência direta em

<sup>4</sup> A *playa* é o nome atribuído pelo festival ao seu território, em referência ao termo em espanhol que designa o leito do lago seco do deserto de Black Rock.

oposição à crença doutrinária e, fundamental para tudo isso, um mito de morte e regeneração” (Burning Man, 1997a, tradução nossa), tudo muito místico, embora os próprios organizadores tenham negado seu vínculo com superstições ou entidades sobrenaturais e assumido um compromisso apenas com o que eles chamaram de “ironia pós-moderna”. A ironia estaria contida numa suposta realização prometeica dos participantes, que tomam de volta as capacidades lúdicas e inventivas constrangidas pelo mundo corporativo e pela cultura de massa, agora exploradas *ad infinitum* no universo irreprimível do deserto. A princípio, o Burning Man não pretendia se tornar uma religião ou seita, pois não possuía dogma, apesar de sua estrutura ritualística, e nem rememorar as antigas experiências *hippies* e contraculturais, pois não encaravam seu primitivismo de forma romântica, mas, reiterando, como um experimento antipredicativo carregado pela diversidade pós-moderna e pelas mais avançadas tecnologias sonoras, visuais e pirotécnicas.

Não por acaso, o festival terminou por abranger um coletivo vasto de comunidades da região de São Francisco e arredores. Em 1995, um observador participante descreveu os grupos engajados no festival a partir de categorias como “sobrevivencialistas do deserto, primitivos urbanos, artistas, fogueteiros, *deadheads*, *queers*, piromaníacos, cibernautas, músicos, *eco-freaks*, *acidheads*, *breeders*, punks, armamentistas, dançarinos, sadomasoquistas e entusiastas de *bondage*, nudistas, refugiados dos movimentos dos homens, anarquistas, *ravers*, transgêneros e espiritualistas da *New Age*” (Wray, 1995:230, tradução nossa)<sup>5</sup>. Segundo Fred Turner (2009), o processo de emergência do festival na década de 1990 foi acompanhado de perto por entusiastas, trabalhadores e gestores do setor de alta tecnologia de São Francisco e do Vale do Silício, muitos dos quais passaram a se organizar em coletivos de engenheiros artistas e escultores, como os Mad Scientists, os Burning Silicon’s e os Fast Furnishings.

Ocorre que, em meio às celebrações e *performances* artísticas tão diversas e heterogêneas, o Burning Man acabou por se tornar um salvo conduto para a culminância de desejos dos mais perigosos, como o uso desvairado de armas de fogo e de veículos de alta velocidade. Uma espécie de violência aberta emergiu e gerou a preocupação dos organizadores e participantes, principalmente após as graves ocorrências de atropelamentos e tiroteios da edição de 1996. Harvey e companhia então se viram diante de um certo dilema de aspirações nada anarquistas e avessas às suas pretensões iniciais: “nós éramos uma sociedade Mad Max pós-apocalíptica ou uma sociedade civil?” (Harvey *apud* Bollier; Clippinger, 2014:46, tradução nossa). Na verdade, assumiu Harvey, “ficou claro que éramos responsáveis pelo bem-estar de todos. Estava por nossa conta. Nós éramos de fato o Estado” (Harvey *apud* Bollier; Clippinger, 2014:45, tradução nossa). Assim, o Burning

---

<sup>5</sup> Como observa Balamir: “embora a descrição possa ser razoavelmente precisa, ela ainda deixa de mencionar o óbvio: é uma reunião predominantemente branca, urbana, com graduação universitária e de classe média. Essa relativa homogeneidade deve ser levada em consideração como um limite para o princípio de inclusão radical do festival” (Balamir, 2011:8, tradução nossa).

Man passou a ser concebido como uma cidade planejada, metrificada e, acima de tudo, regulada pelo governo da organização de Larry Harvey, o “prefeito não-oficial da cidade” (Balamir, 2011:10, tradução nossa). Em nome da segurança, fundou-se a força policial do festival, os *Black Rock Rangers*, definidos como “mediadores não-confrontacionais da comunidade” (*ibidem*). Uma malha viária foi criada, o tráfego de veículos foi regulamentado, endereços foram atribuídos às tendas e aos *trailers* e o Burning Man passou a chamar atenção também por seu planejamento urbanístico singular, ainda que às custas de sua matriz mítica original pactuada com o caos, a anarquia e a liberdade irrestritas (Burning Man, 1997b).

Figura 1: Visão aérea de uma edição recente do Burning Man, s/d



Fonte: Pinterest.

Ao centro do semicírculo, bem no coração da cidade, encontra-se de pé a efígie humana de madeira, a maior atração do festival. Além de seu conteúdo simbólico, associado aos valores antropocêntricos difundidos pelo festival, o posicionamento central da efígie também opera como um ponto de referência para a localização dos participantes no deserto. Segundo Balamir (2011), toda a existência do festival perpassa essa figura humana central, é ela quem conecta a comunidade à cidade e, a partir do momento em que é queimada e reduzida a cinzas, o próprio festival deixa de existir em sua completude, tanto simbolicamente, com seu expurgo, quanto urbanisticamente, com a dissolução do referencial geográfico. Da queima se segue a dissolução voluntária da cidade, as placas são retiradas, assim como os objetos artísticos, tendas e barracas, e o deserto de Black Rock

volta a ser um deserto em nome do princípio de “Não deixar rastros” do Burning Man, que desaparece.

### Os compromissos ético-políticos do Burning Man

Tal princípio de “Não deixar rastros” é apenas 1 dos 10 princípios balizadores do código ético-político reforçado pela organização do evento, suas únicas orientações predicativas a que os participantes devem seguir de forma estrita<sup>6</sup>. O princípio de “Inclusão Radical”, por exemplo, abole qualquer pré-requisito para a participação, de modo que todos são estranhos e o anonimato se afigura como uma prática estimulada pelo próprio festival, que gira em torno de usuários pseudônimos, os chamados “*noms de playa*”, espécies de chaves de acesso para uma experiência virtual.

“Esforços Comuns” e “Responsabilidade Cívica” implicam na produção, promoção e proteção das relações sociais, espaços públicos, obras de arte e métodos de comunicação por meio de interações cooperativas e colaboracionistas, sujeitas às normativas do festival e às leis federais e estaduais. “Imediaticidade” induz a um engajamento existencial imediato dos participantes e à superação de barreiras que se interpõem entre os participantes e o reconhecimento de seu “eu interior”, de sua participação na sociedade e do seu contato com o mundo natural.

“Participação” compromete cada um com a ética participativa do festival, um certo engajamento intransigente para que todos trabalhem e desfrutem do festival e se livrem do costume estruturante da sociedade que os orienta para a passividade e a indiferença. Contra o padrão cultural dos espectadores passivos e alienados, a cultura Burning Man introduz a participação total, de modo que todos devem responder por uma parte do que ali ocorre, seja produzindo, interagindo ou modificando as estruturas vigentes. *Move fast and break things*, tal como no lema da Facebook. À luz disso, Harvey descreve o festival como uma “Disney ao contrário” (Harvey *apud* Kozinets, 2002:25, tradução nossa), pois seus participantes não são consumidores ou espectadores, mas os verdadeiros atores e cunhadores infraestruturais de uma experiência comunal coletiva. No Burning Man, as relações de mercado e o consumismo são relacionados à passividade, ao isolamento social e à tristeza, e os consumidores ávidos são concebidos como sujeitos desumanizantes, por isso, o evento se afigura como um universo anticonsumista, em que os indivíduos se desligam da economia mediada pelo dinheiro em direção à interação, à participação e à atividade de presentear por meio da oferta de apresentações, objetos ou bens que propiciam a construção de laços comunitários (Turner, 2009:84).

---

<sup>6</sup> Burning Man. Man. *The 10 Principles of Burning Man*. Acesso em 20 abril de 2022. Disponível em <https://burningman.org/culture/philosophical-center/10-principles/>

Entretanto, se, por um lado, as relações comunais e cooperativas parecem advir de uma liberdade positiva assentada na injuntiva do engajamento e da participação coletiva, por outro, elas também se sustentam pelo estímulo megalomaniaco oriundo da lógica libertária e sobrevivencialista do princípio de “Autossuficiência Radical”, que alimenta uma mentalidade de hiperpreparação apocalíptica e encoraja os participantes a comprarem suprimentos para todas as contingências que possam advir do deserto (Patella-Rey, 2013). Isso porque a organização do Burning Man oferece apenas um pequeno comércio de gelo e café, nada mais. Não há um mercado e tampouco consumidores individuais no interior do Burning Man, e disso deriva o seu chamado para o colaboracionismo comunal, fruto das condições adversas e do senso comunitário entre pessoas dispostas a se ajudarem diante das hostilidades e adversidades do deserto, reflexo, portanto, de uma “autossuficiência radical” que no final das contas é irrealizável, pois recai no desamparo e na necessidade de um laço de alteridade. Parte considerável do apreço conferido ao festival pelo setor de alta tecnologia do Vale do Silício advém de duas relações ligadas a essa questão. Primeiro, a identificação dos tecnófilos californianos e contemporâneos da abertura do ciberespaço com a estrutura mesma do festival, sobre a qual eles projetavam uma analogia com o grau zero libertário do deserto primitivo da Web, como relatou Harvey, ainda em 1999:

Aos poucos percebi que este ambiente que nós criamos é um análogo físico da Internet. É radicalmente democrático. Permite que as pessoas conjurem mundos inteiros - como sites - *voilà!* Do nada. A Internet é um meio popular que tem uma forma única de empoderar cada indivíduo. E é um meio interativo - ao contrário da TV - que permite que as pessoas se conectem com outras pessoas e a partir disso precipitem novas formas de comunidade. E é isso que somos (Harvey *apud* Turner, 2009:83, tradução nossa).

Segundo, pois se verificou também uma relação de identificação entre os princípios hegemônicos e neoliberais das “classes virtuais” supostamente libertárias, autônomas, autossuficientes, inventivas, singularmente pessoalizadas e disruptivas, embora necessariamente vinculadas a um sistema de sobrevivência pautado pelo *networking* social e corporativo, e os valores propagados pelo festival. Assim como se dá com as atividades artísticas do festival, o trabalho no setor de alta tecnologia também projetara sobre si um caráter lúdico, sublime e transcendental, oriundo do desenho e produção de novas tecnologias que agora se assemelham a uma grande obra ou *performance* artística, como mostra Turner (2009:84; 88, tradução nossa):

No final dos anos 1990, o setor *dot com* pode ter chegado ao Burning Man em parte porque acreditavam que ele se assemelhava à Internet. No entanto, os princípios que encontraram ali se assemelhavam aos de seus mundos profissionais. No Burning Man, a “Autossuficiência Radical” significava lembrar de trazer comida, água e abrigo suficientes para você e seus amigos. No frenesi inicial do final da década de 1990, como no contexto mais amplo de um mundo industrial no qual a segurança no emprego havia começado a desaparecer, a autossuficiência radical também descreveu nitidamente a mentalidade própria de todo trabalhador técnico. Da mesma forma, dar presentes mostra a importância crescente das redes sociais para o emprego e a produção [...]. Com ênfase no trabalho em equipe, fluxo, produção entre pares, meritocracia e construção de reputação, a cultura do Burning Man celebra claramente os valores e práticas comuns à produção de alta tecnologia

[...]. Engenheiros de computador e de software na região de São Francisco e alhures trabalham em uma indústria cujos produtos são constantemente comercializados como ferramentas para libertar o trabalhador individual, interligar o mundo em uma rede de comunicação e, finalmente, mudar a vida como a conhecemos.

Figura 2: Participantes jogam no Burning Man, 1999



Fonte: Burning Man Timeline<sup>7</sup>

No fim das contas, o festival se encarrega de sublimar práticas e conceitos de um capitalismo massificante, como trabalho alienado e mercadoria, em formas sociais emancipadas, engajadas e associativas, como a *performance* artística e a dádiva, traduzidos dentro de uma dinâmica de economia da dádiva, “em que bens e serviços - assim como a arte, que é o presente final para a comunidade - são trocados sem serem monetizados” (Balamir, 2011:8, tradução nossa). Na contramão das mercadorias impessoais, manipulativas e espoliadoras, encontra-se a dádiva, pertencente ao reino dos vínculos sagrados, da mutualidade, do cuidado e do compartilhamento. No lugar do mercado e da propriedade privada, estas entidades banidas pelos princípios do evento, estimula-se o compartilhamento e a troca de coisas das mais concretas, como bens de consumo, até as mais abstratas e metafísicas, como os afetos de um encontro e a transcendência artística, todas elas desmonetizadas e destituídas da mediação de um valor econômico pela força desse ritual de transubstanciação dos produtos da atividade humana em dádivas, ainda que nada ali tenha se criado

<sup>7</sup> Disponível em [https://burningman.org/timeline\\_year/year1999/](https://burningman.org/timeline_year/year1999/) . Acesso em 01-08-2022.

por fora do capitalismo, desde a infraestrutura técnica do festival até os bens de sobrevivência dos participantes: tudo é adquirido previamente no mercado capitalista, que, por sinal, expandiu-se de forma vigorosa e oportuna nos entornos da região de Black Rock.

No fim das contas, a mercadoria não é suplantada, apenas temporariamente neutralizada e suspensa para que circule sorratamente sob um fetiche de qualidades inovadoras e sofisticadas, agora associado aos valores estéticos e transcendentais de toda ordem, contradições que se ocultam sob o véu comunal da economia da dádiva do Burning Man, como analisa Patella-Ray (2013, tradução nossa):

Se o objetivo do Burning Man fosse fazer com que as pessoas consumissem menos, estaria falhando miseravelmente. Qualquer pessoa que tenha viajado do aeroporto de Reno para o circuito do deserto de Black Rock sabe que uma enorme economia de consumo se desenvolveu em torno do evento. Desde o momento em que você sai do avião através da última reserva indígena antes de Black Rock City, os anúncios se espalham pela paisagem, oferecendo uma ampla variedade de produtos (bicicletas, barracas, arames brilhantes, “tacos indianos”, água etc.) e serviços (por exemplo, passeios para a *playa*) [...]. Acampamentos de todas as grandes cidades dos Estados Unidos enchem contêineres com suprimentos e os transportam para o deserto em veículos de 18 rodas [...]. Não podemos simplesmente ignorar, por exemplo, a quantidade extraordinária de mão de obra explorada que torna possível o Burning Man ou que os trabalhadores (principalmente estrangeiros) que fornecem dezenas de milhares de tendas, botas, óculos, mochilas, luzes, etc. para o evento provavelmente nunca serão capazes de pagarem o preço de acesso. É irreal para qualquer um esperar que Burning Man exista fora do capitalismo.

## A economia da dádiva do Burning Man

Apesar de tal contradição, o Burning Man vangloria-se dos conceitos fundamentais de sua versão singular da economia da dádiva, regida por outro princípio não por acaso denominado de “Presentear”, que implica na devoção dos participantes aos atos de oferta de presentes cujos valores são irreduzíveis e incomensuráveis, associados a uma certa noção de que, diferente da mercadoria, os presentes transcendem a matéria e se oferecem num estado de plena liberdade (Carrier, 1995:156). Aqui, o Burning Man segue a tradição da Internacional Situacionista, um movimento político e artístico europeu ativo nas décadas de 1950 e 1960 e muito influente entre os discípulos da ZTA de Hakim Bey. Segundo o teórico situacionista Guy Debord, uma das formas de superação da sociedade passiva, reificada e sujeita ao Espetáculo, identificado como o princípio passivo de não-intervenção produzido pela “penetração da forma mercadoria na comunicação de massa” (Debord *apud* Martin, 2012:127, tradução nossa), seria reaver as lições antropológicas de povos tradicionais que se valiam da dádiva como instituição central de mediação social, ou como “fato social total”, nos termos de um desses antropólogos recuperados, Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a dádiva*, de 1925. Nele, Mauss disserta sobre o sistema de *potlatch* [“nutrir”/“consumir”] dos povos Tlingit e Haida da América do Norte, que “passam o inverno numa perpétua festa: banquetes, feiras e mercados, que são ao mesmo tempo a assembleia solene da tribo” (Mauss, 2003:191). A

unidade entre a festa sazonal e a política é atravessada pelo *potlatch*, essa instituição social caracterizada pelo compromisso com a oferta, a recepção e a retribuição de presentes entre membros da comunidade, presentes que não seguem uma lógica utilitarista e envolvem bens imateriais, como a honra, o prestígio e o *mana*<sup>8</sup> e implicam na “obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse *mana*, essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade” (Mauss, 2003:195).

Inspirado nesses povos, os situacionistas reaveram a tradição do *potlatch* como uma alternativa para a circulação de bens desmercantilizados, pretensamente externos à lógica de circulação do capital. Com base na ideia de que “o capital não é bem material, nem símbolo monetário, mas, fundamentalmente, uma relação social” (Bernardo, 1987:53)<sup>9</sup>, os situacionistas fomentaram uma alternativa à ordem capitalista ao transformarem as relações sociais que regiam a lógica de circulação das coisas, convertidas de uma forma (mercadoria) em outra (dádiva, presente, *potlatch*). Ao falar sobre o boletim *Potlatch* distribuído na década de 1950 por agitadores culturais precedentes dos situacionistas, Debord exaltou o fato de que “os bens não vendáveis que um tal boletim gratuito poderia distribuir eram desejos e problemas inauditos; e foi sua profundidade para com os outros que constituiu um presente em troca” (Debord, 1959, tradução nossa). Outro situacionista, Raoul Vaneigem, também celebrava o *potlatch* ao afirmá-lo como a antítese de um espírito competitivo e acumulador: “Devemos redescobrir o prazer de presentear: presentear porque você tem muito. Que belos e inestimáveis *potlatches* a sociedade abundante verá - quer ela goste ou não! - quando a exuberância da geração mais jovem descobrir a pura dádiva” (Vaneigem *apud* Barbrook, 2005, tradução nossa).

Um dos instrumentos profícuos de realização desse ideal seriam os eventos e organizações artísticas, entendidas como “um método experimental de construção da vida cotidiana” e “uma organização direta de sensações elevadas. Uma questão de produção de nós mesmos, e não de coisas que nos escravizam” (Debord, 1958, tradução nossa). Esses espaços de profusão artística são caracterizados por Debord como “situações”, um conceito que guarda semelhanças com a ZTA e com a própria ideia do Burning Man por implicar na “construção concreta de ambientes momentâneos de vida e sua transformação em uma qualidade passional superior” capazes de fazer ruir o espetáculo passivo e não-interventivo ligado à “alienação do mundo velho” (Debord, 1957, tradução nossa). Ainda segundo Debord (1957), “a situação é [...] projetada para ser vivida por seus construtores”, um chamado universal, pois ninguém é destituído do dote artístico e da capacidade lúdica de intervenção cultural:

---

<sup>8</sup> Conceito multifacetado da antropologia, mas que, nessa altura da exposição de Mauss, refere-se ao vínculo entre almas e à integridade espiritual daqueles que se envolvem com o *potlatch*.

<sup>9</sup> “Uma máquina de fiar algodão é uma máquina para fiar algodão. Apenas em determinadas relações ela se torna *capital*. Arrancada a estas relações, ela é tão pouco capital como o ouro em si e para si é *dinheiro*, ou como o açúcar é o preço do açúcar” (Marx, 2006).

Contra o espetáculo, a cultura situacionista realizada introduz a participação total. Contra a arte conservada, é uma organização do momento vivido diretamente. Contra a arte fragmentária, será uma prática global que conterà, de uma só vez, todos os elementos utilizados. Tenderá naturalmente para uma produção coletiva e, sem dúvida, anônima (na medida em que, ao não armazenar as obras como mercadorias, dita cultura não estará dominada pela necessidade de deixar marcas). Contra a arte unilateral, a cultura situacionista será uma arte do diálogo, da interação (Manifesto Internacional Situacionista, 1960).

Reiterando, a cultura situacionista da *potlatch* consagrou-se como uma utopia inconciliável com as formas sociais que regiam a lógica mercantil de circulação, firmando uma tradição crítica da reificação das relações culturais emanadas à imagem e semelhança da forma mercadoria capitalista, uma utopia que agora se encontra atualizada pelos princípios e práticas do Burning Man. Tal relação se observa também entre os princípios *burners*<sup>10</sup> de “Desmercantilização”, que implica na preservação do “espírito de presentear” inerente à forma da dádiva contra a exploração e consumismo do mundo das mercadorias, dos patrocínios, das transações e dos anúncios comerciais, e de “Autoexpressão”, que encoraja os participantes a produzirem o conteúdo singular de suas próprias obras e presentes a serem compartilhados com os outros. Partindo dessa herança situacionista, chegamos ao quarto e último ponto de convergência entre a teoria da Zona Autônoma Temporária e o Burning Man, o ponto em que a arte e a dádiva emanam como formas sociais regentes nas frestas do capitalismo e do Estado, em que supõem fundar uma nova forma temporária de organização social e de distribuição de recursos, como diz Bey:

A Arte no Mundo da Arte tornou-se uma mercadoria; porém, mais profundo do que isso reside o problema da *representação* em si, e a recusa de toda *mediação*. Na ZTA, arte como uma mercadoria será simplesmente impossível; ela será, ao invés disso, uma condição de vida. A mediação é difícil de ser superada, mas a remoção de todas as barreiras entre artistas e “usuários” da arte tenderá a uma condição na qual (como A.K. Coomaraswamy escreveu) “o artista não é um tipo especial de pessoa, mas toda pessoa é um tipo especial de artista” (Bey, 2003:130, tradução nossa).

Daí o entendimento de Harvey de que o Burning Man não cria “arte sobre a sociedade. É a arte que gera a sociedade, que, por um processo mágico, reúne a sociedade em torno de si” (Harvey *apud* Kozinets, 2002:30, tradução nossa, grifo nosso). Como se percebe, a força política do projeto que almeja suspender as normativas da sociedade da mercadoria não tem compromisso com uma utopia revolucionária<sup>11</sup>, pelo contrário, como observa Kozinets, o compromisso do Burning Man é com um certo “reencantamento ou remistificação do mundo social” (Kozinets, 2002:24, tradução nossa), substituindo os princípios lógicos da circulação de mercadorias por uma métrica temporária

<sup>10</sup> Como os participantes do Burning Man se referem a si mesmos.

<sup>11</sup> ““Sir William de Occam”, um participante do Burning Man pela primeira vez em seus vinte e poucos anos, opinou: “Eu não acho que alguém aqui é particularmente oposto ao capitalismo. Acho que eles se opõem que os porcos entrem e estraguem a festa. Que é o que seria o aspecto do patrocínio corporativo” (Kozinets, 2002:32, tradução nossa). Em um depoimento mais recente, época em que o festival passou a mobilizar milhões de dólares todos os anos, Larry Harvey reiterou que “nós não estamos construindo uma sociedade marxista” e que “você pode ganhar muito dinheiro e fazer o bem com ele” (Harvey *apud* Ferenstein, 2013, tradução nossa).

expressiva, lúdica e transcendental, articulada por meio da prática e da linguagem artística (o conteúdo valorativo) que põe em ação a sociabilização das dádivas (a forma regente).

### **A incorporação capitalista das formas sociais do Burning Man**

Assimiladas pela arte, as coisas presenteáveis, essas antimercedórias, almejam recuperar no Burning Man a “aura” artística há muito perdida na reprodução seriada da indústria de massa. A aura da obra de arte, entendida por Benjamin como “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (Benjamin, 1994: 170, grifo nosso), é reintroduzida nos rituais autênticos da economia da dádiva do Burning Man como um predicado ordenador das relações sociais, construindo um mundo em que o “Goza!” lacaniano se replica nos “Expressa!”, “Interaja!”, “Presenteie!” e “Compartilhe!”, os chamados ritualísticos do Burning Man ao que todos respondem com a disposição de suas emoções e sentimentos no campo das *performances* e esculturas singulares, dotadas dessa força aurática recuperada de seu sequestro corporativo e industrial.

Ocorre que, em troca dessa reconquista da capacidade de criação lúdica e artística, o Burning Man terminou por presentear o mundo corporativo contra o qual festejava com uma série de dádivas ideológicas. Fred Turner (2009) chama a atenção para o fato de que o Burning Man se converteu em uma espécie de infraestrutura cultural para a gestão do trabalho em grandes empresas de alta tecnologia do Silício a partir da década de 1990, com destaque para a Google, empresa que gere uma das principais ferramentas de busca da Web. Segundo ele, os ideais celebrados pelo Burning Man e por seus integrantes tecnofílicos e entusiastas cibernéticos reforçaram a emergência do chamado sistema de produção colaborativa baseada em recursos comuns [*Common-Based Peer Production*], muito associado ao contexto de emergência da Web, das tecnologias informacionais de softwares de código aberto, de jogos online *multi-player* e de projetos como o sistema operacional Linux, todos eles datados da década de 1990.

Além disso, Turner reitera que esse é um contexto de profusão dos capitalistas de risco e das *startups*, reflexo da euforia financeira com a capitalização abrupta das corporações tecnológicas do Silício. Tal profusão de pequenas empresas trazia como consequência um amplo contingente de falências e desagregações, o que gerou uma ideia dominante de naturalização do fracasso e de adaptação às chamadas firmas efêmeras do complexo tecnológico do Silício, resultando no que Bahrami e Evans (2000) conceituam como o sistema de reciclagem flexível: um regime flexível e de alta rotatividade da força de trabalho, sobretudo daquela mais jovem e especializada, que tinha diante de si não um horizonte seguro e previsível de um mercado de trabalho qualificado, regular e bem remunerado, mas um mercado regido pela flexibilização dos projetos temporários e pelo

desafio subjetivo de consolidar uma estratégia de gestão de sua própria empregabilidade baseada nas manobras de *networking* orientadas pela aquisição de laços de prestígio, respeito e amizade<sup>12</sup>.

Figura 3: Queima da efígie de madeira no Burning Man, 2000



Fonte: David McNew, GettyImages.

Ao se inserir propriamente na dinâmica corporativa do setor tecnológico do Silício no contexto em questão, o sistema de produção colaborativa baseado em recursos comuns generaliza o estatuto horizontalizado dos comuns ao propor o nivelamento das estruturas de gestão, colocando toda a empresa em um suposto patamar de igualdade comunicativa e propositiva e diluindo as hierarquias aparentes entre cargos de comando. Isso implica numa visibilidade interpessoal, associada a essa nova estrutura corporativa mais circular e menos hierárquica e expressa na própria concepção arquitetônica dos espaços internos, mais translúcidos contra os redutos opacos de chefia e agora inspirados numa ambientação de espaço lúdico, pautado pelo princípio do lazer, com muitas cores, plantas, bares, brinquedos, jogos analógicos e eletrônicos; enfim, escritórios confortáveis e divertidos, em que permanecer até altas horas da noite torna-se algo não apenas suportável, mas minimamente agradável, à luz do lema propagado pela Google, que dizia *Workspace as Home* (Turner, 2011). A natureza do produto do trabalho também é alterada e os bens informacionais se

<sup>12</sup> “Em seu cerne, o ecossistema do Vale do Silício funciona por meio de uma rede interconectada de relações pessoais. As universidades, bem como as empresas mais estabelecidas, como a HP, podem ser o contexto inicial que aproxima as pessoas e facilita a formação e o cultivo de relacionamentos pessoais. Como os relacionamentos normalmente duram mais do que a permanência de um indivíduo em qualquer empresa, eles fornecem o fulcro completo em torno do qual o ecossistema pode operar com flexibilidade” (Bahrami, H.; Evans, S., 2000:176, tradução nossa). Para maiores informações sobre a centralidade dos atributos pessoais e das relações subjetivas na gestão do trabalho digital no Vale do Silício, cf. Turner, 2011.

despem de sua formatação mercadológica para assumirem a condição de dádivas ofertadas para a comunidade, retribuídas pelo prestígio, pelo prazer artístico e pelos laços de confiança e amizade, ou todos os três juntos, o que transforma todos aqueles participantes da dinâmica corporativa em colaboradores situados dentro de um mesmo patamar de pares éticos e sociais (Turner, 2009:77). Turner define essa reformatação do trabalho corporativo à luz do arcabouço ideológico *burner* por meio do conceito de “êxtase vocacional”, produto dessa transformação do trabalho de engenheiros de software da Google, por exemplo, em uma tarefa e um compromisso espirituais com a comunidade com a qual eles intercambiam bens simultaneamente materiais e transcendentais, como se fossem verdadeiras obras de arte a serem exaltadas pelo “festival” do ciberespaço.

O produto final desta concepção é a formação de um *ethos* comunal no interior da organização corporativa em que se tem “o cultivo do espaço de trabalho corporativo como uma casa-longo-de-casa, do trabalhador de alta tecnologia como um *hipster* entretido e emocionalmente integrado e da equipe corporativa como um cruzamento entre uma família e uma banda de rock” (Turner, 2009:78, tradução nossa). Os trabalhadores adotam o convencimento de que o trabalho é realizado mediante meios e fins comunais, e não estritamente lucrativos e competitivos, de modo que os valores postos em troca não são aqueles relativos ao dinheiro e ao capital, mas à simpatia, à amizade, à confiança, ao prestígio, ao humor, enfim, aos valores de uma ordem comunal à serviço do bem comum, como observa Rod Garrett, um empreiteiro do Burning Man e trabalhador temporário da Google: “Nós estamos trabalhando com espírito de cooperação, camaradagem e boa fé e não vejo razão para alterar isso. Esse é o espírito do Burning Man e de grande parte da Google também. Nada está sendo tratado com advogados e contadores” (Garrett apud Turner, 2009:90, tradução nossa).

Os fundadores da Google, Larry Page e Sergey Brin, são velhos entusiastas do Burning Man e participaram ativamente do crescimento do festival ao longo da década de 1990. Em 1999, a empresa suspendeu suas atividades para que todos os trabalhadores pudessem comparecer ao festival. Em 2001, diz-se que Page e Brin levaram Eric Schmidt ao Burning Man como a última etapa da provação de que estaria apto para assumir o cargo de qualidade técnica e gestorial de *chief executive officer* (CEO) da corporação (Shister, 2019; Turner, 2009:75). Para Fred Turner, essa relação não é acidental e define a posição vanguardista da Google no que tange à convergência decisiva entre os princípios do festival, do sistema de produção colaborativa baseado em recursos comuns e das formas de gestão do trabalho nas corporações tecnológicas do Silício.

Em 2005, quando a Google já havia se consagrado como potência tecnológica e financeira, Douglas Merrill, então diretor do setor de Tecnologia da Informação da empresa, explicou que a receita do sucesso estava na estrutura plana de gestão e no estatuto principiológico dos comuns, o que incluía a manipulação de uma base de dados e de listas de e-mails com ideias e projetos de livre

acesso no interior da empresa e uma espécie de subsídio oferecido pela própria Google para que seus engenheiros dispusessem de 20% da jornada de trabalho para se dedicarem a projetos pessoais, ainda que não estivessem necessariamente associados às tarefas corporativas mais imediatas. Segundo Turner (2009:79, tradução nossa), tal subsídio:

(...) envolve simultaneamente seus interesses criativos individuais e os incentiva a reimaginar seu espaço de trabalho como um ambiente congênito e altamente confiável (...). Dentro de seu “tempo de 20%”, o subsídio sugere que os engenheiros devem parar de pensar em trabalhar para a Google apenas como um emprego e reinventá-lo como uma forma de buscar o crescimento individual.

Em 2006, Marissa Mayer, então vice-presidente do setor de Pesquisa de Produtos e Experiência do Usuário, tornou público o fato de que cerca de 50% dos produtos lançados pela Google na segunda metade de 2005 foram criados nesses momentos de trabalhos pessoais e subsidiados, de cujos produtos a corporação acabou se apropriando. Em uma síntese bastante elucidativa sobre a relação que propomos aqui, baseada no atravessamento comunalista entre a catarse festiva e a gestão do trabalho corporativo, ela diz:

(...) nossos engenheiros e desenvolvedores de produtos veem isso e percebem que esta é uma empresa que realmente confia neles e que realmente deseja que eles sejam criativos, que realmente deseja que explorem tudo o que desejam explorar. E é essa licença para fazer o que quiserem que, em última análise, alimenta uma enorme quantidade de criatividade e uma enorme quantidade de inovação (Mayer *apud* Turner, 2009:79, tradução nossa).

Além disso, a Google também passou a basear suas operações tecnológicas na apropriação externa de dádivas, captando os dados da atividade dos usuários da Web por meio de seus serviços de ferramenta de busca e de gestão de anúncios. Ora, se não há um conteúdo na Web a se procurar, não se torna possível e tampouco necessária uma ferramenta de busca e de publicação de anúncios, daí a necessidade de um engajamento geral, de uma participação total da comunidade virtual vasta nessa Zona Permanente Autônoma que a Web acabou por se tornar. Parte considerável da atividade da Google advém dos dados e informações produzidos e desenvolvidos pelos usuários da Web, com os quais a corporação diz exercer um vínculo comunitário e harmônico ao mesmo tempo em que se apropria do que produzem para fins de valorização capitalista da própria empresa<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Em 2020, a Alphabet, atual *holding* da Google, detinha 41% das receitas mundiais relativas a anúncios publicados na Internet ao mesmo tempo em que auferia um valor de mercado de US\$ 1,19 trilhão (Adriaans et. al., 2020).

Figura 4: Sala de reunião no escritório londrino da Google, 2016



Fonte: Dezeen.

Enquanto corporação, como se percebe, a Google reconhece, acima de tudo, o valor mercadológico desses dados, diante do qual não existe um representante simbólico e transcendental à altura. Aqui, o comunal e a economia da dádiva deixam de ser a finalidade última da organização, como supõe o anticorporativismo do Burning Man, e passam à condição de instrumentos da valorização capitalista da empresa, como um meio operacional de capitalização, como relata Michael Favor, outro entusiasta do Burning Man e trabalhador temporário da Google: “O poder da Google é que eles não fazem todo o trabalho. As pessoas que postam o conteúdo fazem. O mesmo é verdade aqui no Burning Man. Os cidadãos criam a grande maioria das coisas” (Favor *apud* Turner, 2009:90, tradução nossa). Aqui, o capitalismo *burner* da Google completa a dialética ilustrada pelo Quadro 1 abaixo, em que os atributos do trabalho corporativo, engessado, enfadonho e capitalista em seu sentido clássico supõe ser superado pelos atributos lúdicos e criativos da cultura corporativa do Silício, emergendo, assim, a forma social do ‘trabalho como dádiva’, tão enfatizada pelos jargões das mais variadas expressões de economias de compartilhamento, *gig economies* e afins.

Quadro 1: A dialética da economia da dádiva do sistema Burning Man-Google

Positivo	Negação	Negação da negação (síntese)
Trabalho como mercadoria	Desperdício como dádiva	Trabalho como dádiva
<i>E-commerce</i>	<i>Potlatch</i>	<i>Network</i>
Modernismo reacionário	Antimodernismo revolucionário	Modernismo revolucionário

Fonte: Barbrook, 2005.

Assim, chegamos à conclusão de que o Burning Man é mais do que uma cena isolada de entretenimento ou um espaço ritualístico. O festival deve ser considerado como um laboratório ideológico e tecnológico à céu aberto em operação desde a década de 1990, quando passou a ser determinante para a reestruturação das formas de gestão corporativa neste contexto de profusão das corporações tecnológicas do Silício, com destaque para a trajetória da Google, alçada ao posto de vanguarda desse processo. Sua função ideológica não é meramente de um suporte de legitimação, no sentido clássico da ideologia como um engodo para a justificação das relações de dominação que dariam o tom das corporações tecnológicas. Mais do que isso, o Burning Man se oferece como um experimento no qual essas mesmas relações são postas à prova, testadas, aprovadas, revogadas e festejadas em meio às sublimações do ritual catártico de transcendência espiritual, que então termina por se amalgamar com o semelhante êxtase espiritual da nova razão do mundo de inspiração disruptiva e empreendedora que impera sobre o mundo do trabalho contemporâneo (Dardot; Laval, 2016). A economia da dádiva que dele provém deixou de ser um acontecimento sazonal e restrito àquela faixa do deserto e se identificou com uma lógica de gestão perene do capitalismo contemporâneo, inspirando tanto a revolução técnica dos dispositivos associados à Web nos novos regimes das economias de compartilhamento, quanto das tecnologias de gestão do trabalho, agora reduzido às formas atualizadas dos *burners* na forma dos parceiros, colaboradores e afins, os sobrevivencialistas do capital.

Recebido em 27-04-2022

Modificado em 22-06-2022

Aceito para publicação em 01-08-2022

## Referências

- ADRIAANS, Ilke *et. al* (2020), *Engineering digital monopolies: The financialisation of Big Tech*. Amsterdam, SOMO.
- BAHRAMI, Homa; EVANS, Stuart (2000), “Flexible Recycling and High-Technology Entrepreneurship”, in *Understanding Silicon Valley: the anatomy of an entrepreneurial region*. Stanford, Stanford University Press.

- BALAMIR, Selçuk (2011), *More Than Dust: The Burning Man Festival*. Amsterdam.
- BARBROOK, Richard (2005), *The Hi-Tech Gift Economy* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/download/631/552/3004>
- BARBROOK, Richard (2015), “Cyber-Communism: How the Americans Are Superseding Capitalism in Cyberspace”, in Babrook, Richard, *The Internet Revolution: From Dotcom Capitalism to Cybernetic Communism*. Amsterdam, Institute of Network Cultures.
- BELLAMY, Samuel (2003), “Pirate Rant”, in Bey, Hakim, T. A. Z.: *The Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism*. Nova Iorque, Autonomedia.
- BENJAMIN, Walter (1994), “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.
- BERNARDO, João (1987). *Capital, gestores, sindicato*. São Paulo, Vértice.
- BEY, Hakim (2003), T. A. Z.: *The Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism*. Nova Iorque, Autonomedia.
- BOLLIER, David; CLIPPINGER, John (2014), *From Bitcoin to Burning Man and Beyond: The Quest for Identity and Autonomy in a Digital Society*. Amherst, ID3/Off the Common Books.
- BURNING MAN (1995), Building Burning Man Newsletter [Consult. 20-04-2022]. Disponível em [https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM\\_1995\\_spring.pdf](https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM_1995_spring.pdf)
- BURNING MAN (1996), Building Burning Man Newsletter [Consult. 20-04-2022]. Disponível em [https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM\\_1996\\_spring.pdf](https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM_1996_spring.pdf)
- BURNING MAN (1997a), *Building Burning Man Newsletter* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em [https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM\\_1997\\_spring.pdf](https://burningman.org/wp-content/uploads/BBM_1997_spring.pdf)
- BURNING MAN (1997b), Lizard Man. Structure from Chaos: The Other Side of Anarchy in *Black Rock Gazette*. Disponível em <https://burningman.org/wp-content/uploads/BRG97.Wed-Thu.pdf> . [Consult. 20-04-2022].
- CEOLIN, Arnon Manhães (2021), *Terra arrasada, utopias digitais: história e ideologia no Vale do Silício*. Dissertação (Mestrado em Política Social). PPGPS, CCJE-UFES, Vitória. 281 p.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian (2016), *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo.
- DEBORD, Guy (1957), *Report on the Construction of Situations and on the International Situationist Tendency's Conditions of Organization and Action* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/report.html>
- DEBORD, Guy (1958), *Theses on the Cultural Revolution* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theses.html>
- DEBORD, Guy (1959), *The Role of Potlatch, Then and Now* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/potlatch.html>
- FERENSTEIN, Gregory (2013), *Burning Man Founder Is Cool With Capitalism, And Silicon Valley Billionaires*. Tech Crunch. Disponível em <https://techcrunch.com/2013/09/03/burning-man-founder-is-cool-with-capitalism-and-silicon-valley-billionaire/> . [Consult. 20-04-2022].
- HARVEY, Larry (2013), *How The West Was Won: Anarchy Vs. Civic Responsibility* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://journal.burningman.org/2013/11/philosophical-center/tenprinciples/how-the-west-was-won-anarchy-vs-civic-responsibility/>
- KOZINETS, Robert (2002), “Can Consumers Escape the Market? Emancipatory Illuminations from Burning Man”. *Journal of Consumer Research*, v. 29, n. 1 [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/10.1086/339919>
- MANIFESTO Internacional Situacionista (1960) [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <http://guy-debord.blogspot.com/2009/06/manifesto-internacional-situacionista.html>

- MARTIN, Keir (2012), “The 'potlatch of destruction': Gifting against the state”. *Critique of Anthropology* 32(2). Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308275X12437861> . [Consult. 20-04-2022].
- MARX, Karl (2006), *Trabalho Assalariado e Capital* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1849/04/05.htm>
- MAUSS, Marcel (2003), “Ensaio sobre a dádiva”, in Mauss, Marcel, *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- PATELLA-REY, P. J. (2013), *Burning Man is the New Capitalism* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em <https://thesocietypages.org/cyborgology/2013/09/05/burning-man-is-the-new-capitalism/>
- SHISTER, Neil (2019), *Radical ritual: How Burning Man Changed the World*. Berkeley, Counterpoint.
- TURNER, Fred (2009), “Burning Man at Google: A cultural infrastructure for new media production”. *New Media Society*, v. 11, pp. 73-94.
- TURNER, Fred (2011), *Burning Man at Google* [Consult. 20-04-2022]. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_TSlhOyXk5M](https://www.youtube.com/watch?v=_TSlhOyXk5M)
- WRAY, Matt (1995), Burning Man and the Rituals of Capitalism. *Bad Subjects*, v. 21.